

CONCEPÇÕES SOBRE BILINGUISTO DE PROFESSORES INDÍGENAS DA ALDEIA PIRAKUÁ NA CIDADE DE BELA VISTA

Eliane Rodrigues Caballero¹, Letras, UEMS, Unidade Universitária de Jardim;
email:elianemsbv@hotmail.com

Prof.^a Dra. Onilda Sanches Nincao², Letras, UEMS, Unidade Universitária de
Jardim; email: onilda@uems.br

RESUMO:

O presente trabalho teve como objetivo investigar a concepção sobre bilinguismo dos professores da escola municipal indígena Pirakuá, localizada a 75Km do município de Bela Vista. O trabalho teve como metodologia a realização de observações, aplicação de questionário e entrevistas, que foram aplicadas aos professores da instituição. Os resultados mostraram que de maneira geral, os professores possuem conceitos reais sobre bilinguismo e as práticas discursivas dos sujeitos bilíngües. E que para eles bilinguismo não é ser competente em duas línguas, mas sim possuir um universo discursivo próprio que não é nem o universo discursivo do falante monolíngüe em L1, nem o do falante monolíngüe em L2.

Palavras-chave: Língua Guarani. Interação. Sujeitos bilingües.

INTRODUÇÃO

O Estado do Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do país, com nove povos indígenas, entre eles os Guarani e os Kaiowá que abrangem as regiões de Bela Vista, Dourados e Amambai. Esta pesquisa focalizou os **Kaiowá** do município de Bela Vista..

A partir da Constituição de 1988, os povos indígenas brasileiros tiveram seus direitos reconhecidos, entre eles, o direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bilíngüe (cf Diretrizes,1994). Em 1999 foi criada a categoria de escola indígena por meio da Resolução CEB 03/99 que foi normatizada no Estado do Mato Grosso do Sul pela Deliberação CEE/6767 de 25 de outubro de 2002 Uma das principais características dessa escola é que ela desenvolva o ensino bilíngüe, valorizando a língua indígena no processo de escolarização. Nesse sentido, torna-se importante que os professores tenham acesso aos estudos sobre bilingüismo para que possam melhor conduzir o trabalho de ensino de línguas e eliminar alguns mitos e preconceitos existentes sobre o sujeito bilíngüe e sua atuação em sala de aula (NINCAO, 2008).

¹ Bolsista/UEMS.

² Orientadora.

Os conceitos de bilingüismo têm sofrido muitas mudanças, já que a crença no tipo de bilíngüe coordenado ou perfeito (Lyons, 1981 apud Nincao, 2008) em que o sujeito bilíngüe tem os dois sistemas organizados de forma idêntica já não é mais aceito na academia. Hoje, sabe-se que o sujeito bilíngüe competente é aquele que transita entre as línguas que utiliza, sem necessariamente ser proficiente de forma igual em duas línguas (MAHER, 2007).

Dessa forma o objetivo deste trabalho é investigar as concepções sobre bilingüismo de professores indígenas que atuam na aldeia Pirakuá na cidade de Bela Vista, localizada na fronteira Brasil/Paraguai a fim de responder à seguinte questão de pesquisa: com que conceitos de bilingüismo trabalham os professores da Escola Municipal Indígena Pirakuá?

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Indígena Pirakuá localizada a 75Km do município de Bela Vista. Para a coleta de dados foram realizadas observações em salas de aula, entrevistas e questionários com os professores indígenas. A análise dos dados foi feita interpretando-se os dados com base no conceito de bilingüismo como línguas em interação (Maher, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola indígena da aldeia Pirakuá insere-se na nova política nacional de educação escolar indígena que busca valorizar a língua indígena no processo de escolarização. Para esses professores, o bilingüismo é visto como um fenômeno natural no país e não de forma invisibilizada como para a grande maioria da população brasileira que entende o Brasil como um país monolíngüe, conforme mostra Cavalcanti (1999). O excerto a seguir mostra o que pensa um professor por mim entrevistado sobre se o bilingüismo é um fenômeno corrente no Brasil: ***“sim, pois ainda existem muitas aldeias indígenas que falam o português e a língua materna”***, o que foi, também, confirmado por outros professores.

A esse respeito, Rajagopalan (1998, p.27) afirma que o pluralismo lingüístico é um fenômeno social, pois a maior parte dos seres humanos pertence a comunidades pluralistas e como afirma Nincao “tal fato não deve ser visto como problemático” NINCAO (2008 p. 65)

Com vistas a investigar a concepção de bilingüismo dos professores, ao responder a questão se *para ser bilíngüe a pessoa tem que falar, ler, entender, ler e escrever muito bem nas duas línguas*, uma professora entrevistada afirmou: “ *não, discordo totalmente disso*”. Embora tenhamos a expectativa que o bilíngüe deve ser “perfeito”, MAHER (2007) mostra que um bilíngüe pode possuir determinados conhecimentos em uma língua e não possuir em outra. Para a autora, “os sujeitos bilíngües, usam suas línguas para propósitos diferentes e, por isso podem tornar-se competentes em uma língua em alguns aspectos, mas não em outros” (MAHER, 2007, p.76), assim não se pode dizer que um bilíngüe tem que ser perfeito em duas línguas.

Com relação à concepção dos professores sobre o letramento em contexto de bilingüismo, em que, no geral, ele só se dá na língua majoritária, foi ressaltado pelos professores que eles querem preservar a língua Guarani na comunidade, por isso, afirmaram “ *aqui os alunos aprendem a ler e escrever na língua materna*”. Podemos perceber nesse relato, que ocorre o letramento nas línguas guarani e portuguesa, já que na escola os livros didáticos são em língua portuguesa. Nincao (2008) mostra que em contextos bi/multilíngües onde convivem línguas majoritárias e minoritárias, o letramento é monolíngüe, ou seja, geralmente se dá na língua majoritária. A autora mostra, ainda, que a implementação do letramento na língua minoritária faz com que surja o biletamento, ou seja, o letramento nas duas línguas. Para a autora, essas comunidades não querem e não podem, abrir mão de sua competência na língua majoritária. Por essa razão, desenvolvem práticas de letramento nas duas línguas: o biletamento.

Outra questão relacionada aos contextos de bilingüismo é o fenômeno do “code-switching”, ou seja, a alternância das línguas, tendo sido considerado por muito tempo como um defeito do sujeito bilíngüe, porém, visto hoje como uma competência lingüística desse sujeito. Maher (2007, p. 81) afirma que “não é falta de competência, é sinal de competência em contexto de bilingüismo”.

Nesse sentido, ao questionar os professores se os bons bilíngües nunca misturam suas línguas, eles responderam que não há como não haver essa mistura, essa mescla durante a conversa. Para eles “*as línguas devem ser utilizadas dependendo de com quem e quando acontece a conversa*”. Pude presenciar esse fato quando falavam comigo usando a língua portuguesa e, entre eles, a língua Guarani, Conforme Maher (1998) não há bilíngüe que não apresente intervenções de uma língua na outra, e que se imaginarmos que isso não existe estaremos diante de uma ficção, de um mito, pois ser

bilíngüe não é ter o controle de duas línguas, ele não tem a obrigação de saber as línguas perfeitamente. Conforme Romaine (1989 apud Nincao, 2008, p.64), “a mistura de línguas, embora estigmatizada, não acontece por acaso, mas serve a importantes funções nas comunidades que as usam”.

Questionados se a mistura de línguas pode ser prejudicial à competência linguística, os professores responderam que não: “*discordo disso, não interfere em nada*”. Como já dito por Maher (2007), não é prejudicial pelo fato de que os bilíngües não o idealizado, mas os de verdade, não possuem comportamentos idênticos em suas línguas, eles são capazes de ter o domínio em certas questões, ou seja, de ter um desempenho melhor em uma língua do que em outra.

Para Maher (1998, p.74) “as competências dos sujeitos não são fixas, estáveis: a medida que as exigências para cada língua mudam, a configuração do repertório do bilíngüe também se modifica”. Para a autora (Op.cit.), o bilíngüe tem a competência de transitar de uma língua para a outra, pois ele prevê a mudança de código. Dessa forma, para os professores aqui questionados, as línguas servem para a expressão no meio social, isso porque o bilíngüe sabe em qual situação as diferentes línguas devem ser usadas.

CONCLUSÃO

As concepções sobre bilingüismo dos professores da Escola Indígena da aldeia Pirakuá expressam uma visão correta sobre o desempenho lingüístico do sujeito bilíngüe no que se refere ao uso das línguas em contexto de bilingüismo. Não vêem como uma deficiência, por exemplo, o fenômeno do *code-switching*.

Assim respondendo a questão que motivou essa pesquisa: com que conceitos de bilingüismo trabalham os professores da Escola Municipal Indígena Pirakuá?, constatou-se que para eles ser bilíngüe não é possuir o comportamento igual em duas línguas, mas sim utilizar suas línguas para propósitos diferentes na comunicação. Apesar de não conhecerem os textos teóricos a respeito dos estudos atuais sobre bilingüismo, suas concepções expressam sua experiência real como sujeitos bilíngües, o que vem também a confirmar a validade dos pressupostos teóricos da área dos estudos de bilingüismo.

Dessa forma, os resultados mostram que, de maneira geral, os professores possuem conceitos reais sobre bilingüismo e as práticas discursivas dos sujeitos bilíngües. E que para eles bilingüismo não é ser competente em duas línguas, mas sim

possuir um universo discursivo próprio que não é nem o universo discursivo do falante monolíngüe em L1, nem o do falante monolíngüe em L2.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBIC pela bolsa de Iniciação Científica, ao Cacique e a diretora da escola Pirakuá por ter permitido o acesso a aldeia. Aos alunos e toda comunidade pela recepção, e principalmente aos professores da aldeia pela colaboração na realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

CAVALCANTI, C. M. (1999). “Estudos Sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil”. *REVISTA D.E.L.T.A*, nº 15:385-417. Número Especial.

MAHER, T. M (1998 a). “Sendo Índio em Português...”. in: Signorine, I. (org) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/ FAEP – Unicamp, pp 115-138.

_____ (2007a). “Do Casulo ao Movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: Cavalcanti, M.C. e Bortoni-Ricardo, S. M. (orgs.) *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras. pp. 67-94.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. (1994). *Diretrizes para uma política nacional de educação escolar indígena. Cadernos de Educação Básica*, série institucional, Brasília, volume 2.

_____ (1999). *Resolução CEB N° 3*. Brasília: Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação básica.

RAJAGOPALAN, K. (1998). “O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical”. in: Signorine, I. (org) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/ FAEP – Unicamp, pp 21-46.

Teses e Dissertações

NINCAO, O.S. (2008). “Kohó Yoko Hovôvo/ O Tuiuíú e o Sapo”: biletamento, identidade e política lingüística na formação continuada de professores Terena. Tese de doutorado. UNICAMP.